

Carnavalização da vida em Quincas Berro D'Água

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira*

De Joaquim Soares da Cunha a Quincas Berro D'água

Quincas Berro D'água, cuja "memória fulge como um diamante", viveu e reinou, por dez anos, na orla do cais da Bahia. Sua história é contada a partir da sua morte, num desfile de fatos que, com humor, expõem situações que, por vezes, se não configuram o tragicômico, beiram o patético. Observando-se a personagem-título de "A morte e a morte de Quincas Berro D'água"¹, Joaquim Soares da Cunha / Quincas Berro D'água sob o prisma teórico da *carnavalização literária* estabelecido por Bakhtin²:

<i>Joaquim Soares da Cunha</i>	<i>Quincas Berro D'água</i>
Correto funcionário da Mesa de Rendas Estadual, aposentado após vinte e cinco anos de bons e leais serviços, esposo modelar, a quem todos tiravam o chapéu e apertavam a mão.	Abandona a família, a casa, os hábitos de toda uma vida, passando a viver como um bêbado, sujo, andrajoso. Freqüentador de botequins baratos, do meretrício, mora em um casebre imundo, dormindo num catre miserável.

Joaquim Soares da Cunha, pertencente ao *mundo sério*, busca vida no *mundo de baixo*. Abandona trabalho e família, indo viver entre bêbados e prostitutas pelas ruas da Bahia. Antes respeitado no trabalho, condecorado por bons serviços, escolhe ser amado e considerado pelos párias da sociedade. O Quincas, marido domado de D. Otacília, passa a ser o Quincas sem amarras de qualquer espécie, ainda chamado de Berro D'água, Quincas Berro D'água. Recebe o novo nome a partir de um episódio cômico, sabido e comentado por todos no cais da Bahia.

* Doutoranda em Literatura Brasileira na UFPB.

¹ AMADO, Jorge. "A morte e a morte de Quincas Berro D'água". In—: *Os Velhos Marinheiros*: duas histórias do cais da Bahia. [ilustrações de Glauco Rodrigues] São Paulo: Martins, 1973.

² Termos em itálico referentes à teoria da carnavalização expressa por Bakhtin provêm de anotações feitas em classe durante o curso ministrado pelo prof. Dr. Paulo Bezerra, no Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPB, período 97.2.

O antes funcionário da Mesa de Rendas Estadual passa a ser o “rei da gafeira”, o festejado “rei dos vagabundos da Bahia”.

Esse posicionamento diante da vida já se delineava antes da *aterrissagem carnavalesca*. O fastio de Joaquim diante das homenagens por anos de trabalho como funcionário público exemplar opõe-se à sua alegria quase infantil, gargalhando escarranchado numa montaria de circo de cavalo. Pequenas *descidas* foram preparando a *profanação* assumida por Quincas quando sai, sem explicação, definitivamente, do convívio com a sua família (“seu formalizado genro”, “sua respeitável filha” e sua “santa mulher”).

De uma maneira inusitada, aquele Quincas que agoniza no convívio familiar renasce inesperadamente em outro Quincas que renasce através da palavra soltada “na cara da mulher e da filha, o insulto *derradeiro e ao mesmo tempo inaugural*: (grifo meu):

— Jararacas!

E, com a maior tranquilidade desse mundo, como se estivesse a realizar o menor e mais banal dos atos, foi-se embora e não voltou”. Segundo Bakhtin, “a destruição e o destronamento estão associados ao renascimento e à renovação, a morte do antigo está ligada ao nascimento do novo”³.

E surge um novo homem, que sob os auspícios de uma *aterrissagem carnavalesca* deixa sua posição de prestígio na sociedade para viver no *baixo*, igualando-se aos párias da sociedade. Na frase *derradeira* atribuída a Quincas Berro D’água que consta como epígrafe da história criada por Jorge Amado reside o mistério que move e dá motivação à narrativa. “Cada qual cuide de seu enterro, impossível não há.” (frase *derradeira* de Quincas Berro D’água segundo Quitéria que estava ao seu lado.)”

A história está dividida, formalmente, em onze partes que entre idas e vindas expõem os dois Quincas: o *sério* e o *cômico*; o de família abastada e o maltrapilho, sem tostão; o chefe de família entediado e o beberrão, vagabundo por opção. É, no entanto, o episódio de sua morte que interliga os dois Quincas, põe em confronto os dois mundos aos quais ele pertence e expõe o posicionamento carnavalesco que orienta a história. A personagem quase que de chofre mergulha na vida sem amarras onde a liberdade é norteadora de todas as suas ações. Ser ou não feliz não é o que parece interessar. Como personagem *carnavalesca*, o que importa é ser livre enquanto durar o que resta da vida, enquanto for carnaval. Os amigos de Quincas, identificados com ele, fielmente o seguem pelas ruas, vivendo, festejando a vida.

³ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987, p. 189.

Quincas Berro D'água, conhecido pelo "seu habitual sorriso acolhedor" maneja uma "mão libertina viciada nos beliscões e apalpadelas", o que aponta para o que Bakhtin denomina de *baixo corpóreo*. Seus pares conheciam esse seu lado folgazão, mas nem por isso recebido como desrespeitoso. A "graciosa negra Paula debulhou-se em lágrimas. Não viria Berro D'água (...) dizer-lhe galanteios torneados, espiar-lhe os seios vastos, propor-lhe indecências fazendo-a rir". Tal comportamento faz parte da festa constante que passou a ser a vida de Berro D'água: um constante carnaval.

Ainda seguindo essa trilha das insinuações jocosas, do jogo de palavras, Vanda "ouve" os insultos que o pai, morto, endereça à tia Marocas: "—Saco de peidos!" Na figura da tia Marocas expressa-se ainda o *baixo corpóreo* na sua gordura, no modo acintoso com que ela é "avaliada" pelo Negro Pastinha. Deitado no caixão, "passara ele a tarde a rir, a murmurar nomes feios, a fazer caretas" para a filha. Aquele cadáver, para a família, tem a força destrutiva que detêm as situações ridículas sobre as pessoas. O constrangimento de Vanda faz com que, mesmo morto, o vagabundo Quincas exerça, sobre ela, a corrosão do ridículo. O *livre contato familiar* é exercido entre pai e filha nesta situação em que vida e morte se confundem. Quincas, "anárquico e debochado", dentro do caixão, exhibe o seu sorriso "cínico, imoral", um "sorriso de mofa e gôzo", que não foi desmanchado pelos "especialistas da funerária". Herói carnavalesco, Quincas, tem na morte oportunidade de "viver" mais um episódio de comicidade. A posição antagônica de Vanda diante daquele cadáver, para ela constrangedor, reforça o aspecto de *morte como renascimento* em Quincas Berro D'água. E o defunto "rindo daquilo tudo", enquanto sua filha, inquieta, vê quando ele se ajeita no caixão, fita as coisas à sua volta; Vanda ouve (querendo tapar os ouvidos) os insultos "ditos" pelo pai. Mesmo sabendo Quincas morto, ela teme a força desestruturadora que ele, detentor de uma comicidade, para ela inaceitável, poderia ainda exercer sobre a vida *séria* que ela defende.

Quincas Berro D'água encarna o espírito de liberdade/libertinagem próprio do carnaval. Exhibe, na morte, um sorriso debochado, um dedo polegar em riste nas mãos mal cruzadas sobre o peito, além de um dedão do pé que se pronuncia através da meia furada. Isso vem reforçar o aspecto cômico do morto sujo e maltrapilho que sugere indecências (*baixo corpóreo*) aos olhos da "gente distinta", a sua família, que se sente insultada com a presença incômoda daquele cadáver.

Subindo e descendo ladeiras a notícia da morte de Quincas penetra locais que lembram festa, divertimento, orgia, permissividade: botequins baratos nos cais do porto e nas ladeiras, zona do baixo meretrício, rodas de jogo nas praças, lugares de má fama onde Quincas era rei. A sua aparência física e o barraco onde se abriga são extensão da rua onde escolheu viver: sujos e despojados, livres de quaisquer amarras.

A bebida, bem brasileira e popular, a cachaça, recende e escorre, farta em todo o trajeto da morte anunciada, o que provoca um alvoroço, como rastilho de pólvora, irmanando a todos num misto de vida e morte. Mesmo na morte, Quincas incita os párias do cais da Bahia à celebração. Todos são tocados pela notícia da morte do “patriarca da zona do baixo meretrício” e bebem na sua morte à vida que ele teve e inspirou, aos momentos da vida de cada um, alegrada, de alguma forma, por ele. Ficam todos sem querer acreditar que morreu aquele que motivou tanta alegria, tanto riso. É um prenúncio do fim da festa.

Em sua morte Quincas confronta a família com o *baixo*, expõe as mazelas da classe social à qual nega-se a pertencer, justifica sua escolha pelas ruas da Bahia onde vive e é tratado como um rei carnavalesco. O espaço da rua é o domínio de Quincas, o seu mundo. O espaço da festa, do burburinho, do carnaval, seguindo os costumes do povo pobre e livre do cais da Bahia.

Vida e renascimento na morte de Quincas Berro D'água

Como o narrador já adianta na parte I da narração, a morte de Quincas Berro D'água teve múltipla implicação. Houve “uma primeira morte, senão física pelo menos moral, datada de anos antes, somando um total de três, fazendo de Quincas um recordista da morte, um campeão de falecimento”.

Ao sair, definitivamente, de casa, deixando também o emprego que lhe conferia posição social, o convívio da família e dos companheiros de trabalho para morar na rua, Quincas optou pelo *baixo*, realizando a *aterriçagem* característica do discurso carnavalesco. Desceu o *eixo vertical do sério* para situar-se no *eixo horizontal do cômico*. Assim “morria” Joaquim Soares da Cunha, depois rebatizado por seus pares, como um rei do carnaval, a partir de um episódio cômico, com o nome Quincas Berro D'água, dali em diante aceito por todos. Tão integrado estava à nova vida que também detinha o apelido carinhoso, Berrito, dado, especialmente, por uma prostituta, sua amante, a Quitéria do Ollho Arregalado. A sua morte, forjada pela família, está prenhe de vida. Morre Joaquim, triste, vencido, sufocado pelas convenções sociais para nascer um Quincas vagabundo, bebereão, feliz, amado, em liberdade.

Ao defrontar-se com o cadáver de Quincas, Vanda, sua filha, constata o que seria a morte definitiva de seu pai. Para a família de Joaquim Soares, sua segunda morte: a primeira, simbólica; esta, real, com direito a atestado de óbito, o que documentaria sua morte definitiva, expondo as diferenças entre pai e filha, realçando a *excentricidade* de Vanda no que se refere à vida mundana de Quincas.

O *alto* e o *baixo* confrontam-se no velório de Quincas. De um lado, os seus

parentes (gente fina): Vanda (a “respeitável filha”), Leonardo Barreto (o “humilhado genro”), Eduardo (o irmão comerciante), Marocas (a irmã, gorda, por ele denominada “saco de peidos”). Todos mais ou menos constrangidos, amargando a vergonha de ter aquele parente bebedor, reconhecido vagabundo, detestando a despesa e os contratempos que aquilo lhes causaria, procurando no fato algum possível retorno financeiro. Temerosos de que a notícia daquela morte se espalhasse no seu meio social.

Do outro lado, os amigos, integrantes permanentes de algum bloco-de sujos, vagabundos da Bahia, sem família, sem nome, irmanados pelas leis que regem a sobrevivência nas ruas: Curió (propagandista em porta de loja), Negro Pastinha (biscateiro), Cabo Martim (amante, conversador, jogador de baralho), Pé-de-Vento (caçador de ratos e sapos para pesquisadores de laboratório). Tomados de comoção pela notícia que fazem questão de alardear, procurando compartilhar aquela surpresa, para que todos, de alguma forma, confraternizem, festejem o “velho marinheiro” e ao mesmo tempo chorem a sua morte. Em grupo, choram e riem, cada um o seu sentimento. Os opostos convivem, confundem-se as emoções. Além deles, envolvem-se com aquela perda, as prostitutas, que a exemplo de Quitéria do Olho Arregalado, amante de “Berrito”, idolatram aquele que é reconhecido “rei das gafeiras” no submundo da cidade.

Confrontados, o *cômico* (os amigos) sobrepuja o *sério* (a família) na cena carnavalesca. Quincas Berro D’água, morto para a família mas vivo para os amigos, numa performance de carnaval, vai (ou é levado), de braço com aqueles vagabundos, numa caminhada pelas ruas da cidade, a uma festa, uma tradicional peixada, regada a cachaça, desta vez no mar, num barco de um amigo comum. Como um rei carnavalesco, Quincas participa de um ritual de *destronamento* e segue em passeata, à frente daquele “bloco de sujos”. Morte e vida, irmanadas, confundem-se na última grande festa da qual participa o “cachaceiro-mor de Salvador”.

O fato de ter Quincas estirado num caixão, morto, parece apontar para uma cena de fechamento do carnaval, o que é adiado pelos amigos de Quincas que ignoram a manifestação da morte, sentindo-se encorajados à confraternização a dar novo impulso aos festejos. Como perfeitos súditos, exigem, na festa, a presença do seu rei e o levam, já em clima de alegria à festança “agendada” anteriormente por todos.

Essa festa envolve a todos na cachaça e na comida. Numa “cosmovisão carnavalesca”, todos são livres, participam, divertem-se. Como um rei do carnaval, que a seu tempo é destronado, Quincas “prepara” a sua saída apoteótica da cena do carnaval, numa orgia, em meio ao reboliço de uma bacanal. Festa, música, comida, bebida, amigos, amantes, a noite, o mar. A tempestade no mar.

E Quincas, como velho marinheiro que afirmava ser, reforçando o ditado popular de que “palavra de rei não volta atrás”, é visto, dizendo “uma frase derradeira, atirar-se no mar em fúria(...), no meio do ruído,(...) à luz do raios” e desaparecer nas águas do oceano. Morre mais uma vez e mais uma vez renasce, como um herói popular, cantado, para o povo, em versos, nas páginas de um bom folheto, nas feiras livres, no meio da rua, não só na Bahia mas por esse mundo afora.